



**Publicado originalmente em:** texto mimeo gentilmente cedido pelo autor. 2003.

## **As Festas Populares e o Ritmo Agrícola na Microrregião da Chapada dos Veadeiros Goiás: o Batuque no Cerrado\***

(Uma análise preliminar)

*Valney Dias Rigonato\*\**

valney\_rigonato@yahoo.com.br

Tel.: (062) 30924117

Este artigo apresenta uma análise preliminar das interrelações dos três ciclos: o festivo das populações tradicionais da microrregião da Chapada dos Veadeiros com o ciclo da produção de subsistência e aquele da natureza do Cerrado. Ao enfatizar sobre a existência dessas manifestações socioculturais imbricadas neles, faz-se necessário elencar alguns valores simbólicos do cerrado expressam nas festividades e músicas contidas no Batuque.

Nesse ínterim, acredita-se que as festas populares, particularmente as religiosas, das populações residentes no Cerrado do Nordeste goiano e, particularmente, na microrregião da Chapada dos Veadeiros em Goiás, são detentoras de elementos representativos que expressam as organizações sócioespaciais da vida cotidiana das populações locais.

Partimos do pressuposto estabelecido no plano conceitual que as festas populares são:

manifestações culturais que se caracterizam, dentre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando por algumas horas, dias ou semanas. Grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornecem uma nova função às formas prévias que dispõem para a sua realização (ponto central e entorno): ruas, praças, terrenos baldios, estádios de futebol transformam-se em palcos para evento. Maia, (1999, p. 204).

As festas populares compartilham quase o mesmo universo religioso e profano festas de santo, folia de reis e do divino espírito santo, bailes, bares e comércio em escalas temporais e espaciais intercaladas. Para Maia (2003, p. 162) “as festas não representam ‘lazer’: o seu sentido é de um momento da vida com todos os seus atos – trabalho, mitos, crenças, alegria, família.”

As principais festas dessa região são: Caçada da Rainha; Reis Magos, Divino Pai Eterno, São Sebastião, Nossa Senhora do Rosário; Império de Nossa Senhora da Abadia; Nossa Senhora do Livramento, São Benedito, Santo Antônio, São Gonçalo do Amarante, São João e outras, (ver no quadro 01).

---

• Esta pesquisa foi orientada pela Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida – IESA/UFG.

\*\* Mestrando em Geografia - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/ UFG.



**Quadro 01 – As Principais Festas dos Municípios e Povoados da Microrregião da Chapada dos Veadeiros, em 2004.**

Nome da Festa	Mês e/ou data de realização	Município/ Povoados e Distritos	Festividades/devoções
Folia de Santo Reis	Janeiro	Cavalcante, Teresina de Goiás, Colinas do Sul, Alto Paraíso, Monte Alegre	Folia, pousos, almoços e batuque.
São Sebastião	Janeiro	Povoados de Lages, Capela, Monte Alegre, Campos Belo	Novenas, bailes
São Benedito		Povoado do Vão do Moleque	Procissões
Divino Pai Eterno	Maió a Junho	Cavalcante	Folias
Festa do Espírito Santo	Junho	Campos Belo	Folias
Santo Antônio	Junho ( 12 a 14)	Cavalcante, Engenho,	Novenas, santo do Casamento
São João	Junho (23 a 25)	Cavalcante, Monte Alegre e no povoado do Sucuri	Novenas, fogueiras, batizados
Folia de São João	Junho (23 a 25)	Vila Borba, Teresina de Goiás	Novenas, Batuque
Festa de São Pedro	Junho	Cavalcante	Novenas, rezas e batuque
Folia de Reis	Julho (01 a 06)	Engenho	Folias, batuque
Nossa Senhora de Santana	Julho	Cavalcante	Novenas e bailes
Festa da Caçada da Rainha	Julho (05 a 13)	Colinas do Sul e povoada de Vila Borba	Caçadas da Rainha, Batuque curreleiras, Folias e os caras pintadas
Nossa Senhora da Abadia	Agosto a Outubro	Cavalcante, Vão de Almas	Novenas, batuque e a sussa
Império de Nossa Senhora d'Abadia	15 de Agosto	Povoado do Vão de Almas	Romarias, batuque, sussa e o bolé
Império São Gonçalo do Amarante	15 de Setembro	Povoado do Vão do Moleque	Novenas, batuque e a sussa
Nossa Senhora do Livramento	Setembro	Povoado do Vão do Moleque	Romarias, novenas e batuque
A Folia do Cipó	Junho	Povoado do Vão do Moleque	Folia e giros rápidos
Festa de Santa Teresinha	Outubro	Teresina de Goiás	Cantos procissões
Nossa Senhora da Aparecida	Outubro	Monte Alegre de Goiás	Novenas e bailes
Nossa Senhora do Rosário		Monte Alegre, Povoado do Prata	Procissões, congada, Império
Festa da Nossa Senhora da Conceição	Dezembro	Campos Belo	

Fonte: Guia Turístico, histórico e cultural do Estado de Goiás, 2003 e entrevista em Campo, 2004.

Com a delimitação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e construção do Lago da Usina Hidrelétrica da Serra da Mesa, incentivando o turismo denota-se a incorporação de algumas dessas festas no calendário turístico do Estado. E, conseqüentemente, o aparecimento de novos agentes “turistas” e novas atividades no espaço festivo da microrregião.

Uma das demonstrações identitárias das festas e dos habitantes do Cerrado é o Batuque<sup>1</sup>. O Batuque no Nordeste goiano surgiu num antigo garimpo no arraial de São Félix, atual município de Cavalcante - GO. Há rumores da população local que a Festa da Caçada da Rainha, uma festa de Batuque, refere-se uma festividade da alforria dos escravos que homenagearam a Princesa Isabel pela assinatura da Lei Áurea. Atualmente, o Batuque é tocado e dançado nas festas de santo e folias dos povoados e dos municípios, principalmente, na área Kalunga.

<sup>1</sup> O Batuque são músicas, hábitos, costumes e danças da tradição do povo Kalunga. O ritmo assemelha-se com as músicas afro-brasileiras. Os instrumentos utilizados são os triângulos, a onça (pedaço do tronco de árvore oco, tampado com couro de um lado das extremidades e com uma vareta no centro). As mulheres vestem-se com saias vermelhas longas e dançam com garrafas de licor (pinga) sobre as cabeças, quanto aos homens estes se dedicam à execução das canções que embalam a dança do(s) grupo(s). Observações em campo durante a Festa da Caçada da Rainha – 13/07/2003.



Algumas expressões culturais dessa população desta região, são pronunciadas através das letras e dos versos do Batuque e das Curraleiras<sup>2</sup>. As enunciações possuem elementos imateriais e materiais da experiência vivida e da sociabilidade constituída pelas populações tradicionais<sup>3</sup>. A exemplo dessas manifestações têm duas canções do Batuque.

*“Pau Pereira, pau pereira/ é um pau de opinião/ todo pau põe fulor cai/ só o pau pereira não”  
Pau pereira serra o pau/ deixa a madeira/ Todo o pau pereira serra/ só o pau pereira não.”  
Capim da lagoa já cresceu/ Amarelou, viado comen.  
Oi ai, oi ai capim da lagoa já cresceu. Oi ai, oi ai amarelou e o viado comen Capim da lagoa já  
cresceu/ Amarelou, viado comen.”*

As letras acima revelam, o conhecimento e a inter-relação das pessoas com o ciclo natural do Cerrado. Para os sertanejos o *Pau Pereira* é uma das espécies de árvore do cerrado disseminada por diversos locais e não tem floração. A outra canção retrata a dinâmica da flora e da fauna no ciclo das estações seca e chuvosa. As letras são representativas das interrelações das populações tradicionais no cerrado goiano.

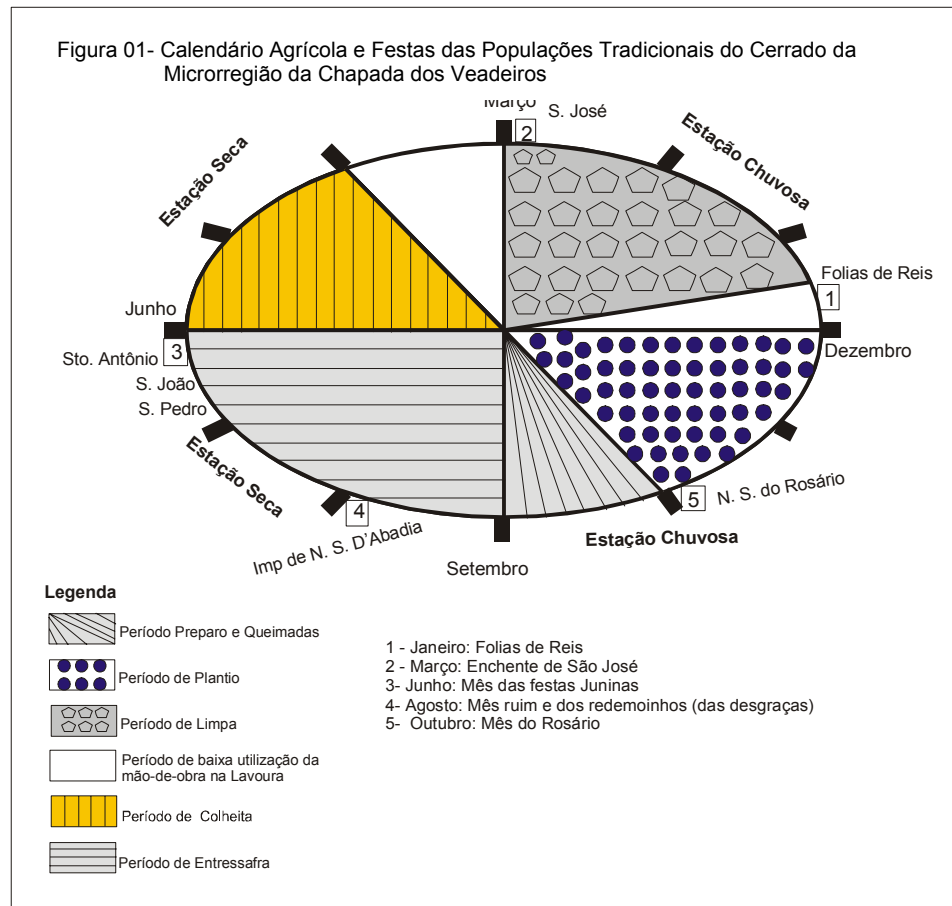
Os instrumentos do Batuque são elaborados com trocos de árvores, couro bovino e utensílios do cerrado. Atualmente, o Batuque é tocado nos momentos especiais das festividades e nos demais utilizam o som eletrônico elétrico e/ou movido a gerador. Nos últimos anos o Batuque é festejado e dançado nos finais das festas, a exemplo, na Festa da Caçada da Rainha em Colinas do Sul, no ano de 2003.

Os principais fatores aliados ao Batuque para manutenção dos costumes e das tradições das populações tradicionais da microrregião da Chapada dos Veadeiros estão intimamente interligados na lógica e na execução do calendário agrícola. Nessa lógica, a estratégia a ser evidenciada para efetuação nostálgica do espaço sagrado é a combinação do calendário das festas com as atividades agrícolas. Isto é, nota-se que as crenças religiosas estão intimamente ligadas ao ciclo produtivo e ao ciclo da natureza (Fig. 01).

---

<sup>2</sup> As curraleiras são pequenos versos pronunciados durante as folias. As letras dos versos são construídas a partir do(s) acontecimento(s) da população local, no dia-a-dia. A expressão curraleira está relacionada com a “vaca do cerrado, pequena e forte” semelhante às críticas contadas nos versos. (Entrevista em Campo - 12/07/2003)

<sup>3</sup> Para Diegues (1992, p. 142) As comunidades tradicionais estão relacionadas com o tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nas comunidades tradicionais os produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. (...) A conservação dos recursos naturais é parte integrante de sua cultura, uma idéia expressa no Brasil pela palavra “respeito” que se aplica não somente à natureza como também aos outros membros da comunidade. As populações tradicionais mencionadas aproximam-se das “comunidades tradicionais” definidas por Diegues.



Fonte: Entrevista de Campo. RIGONATO, V. Fevereiro, 2004.

A partir da figura acima, pode-se dizer que a devoção religiosa para as populações tradicionais tem um significado ímpar. Para pequeno produtor do cerrado as manifestações festivas marcam os períodos importantes do ano, na perspectiva de garantir prosperidade da família. A observação do ciclo da natureza e das estações do ano marca e delinea as etapas do trabalho na lavoura ao longo do ano. Com as primeiras chuvas realiza-se o plantio, nos períodos de estiagens faz-se as limpas das plantações e os períodos secos são destinados às coletas de feijão e do milho.

Assim, os primeiros quinze dias do mês de setembro, antes das primeiras chuvas, são momentos destinados para terminar os roçados e para colocar fogo no preparo da terra para o plantio. O plantio é feito imediato, ou seja, subsequente as duas primeiras chuvas desse mês. Geralmente, planta-se mandioca, milho, arroz, abóbora. Mas o período de plantio prolonga-se até o final do mês de dezembro, na plenitude do verão.

Após a época das plantações ocorrem as Festas de Reis e as Folias, nas quais, a população agradece pelo “bom tempo”, pela saúde e realiza os pedidos e faz as promessas para ter uma boa colheita. Isso acontece justamente nas primeiras semanas de janeiro, no qual, há um baixo



aviltamento da mão-de-obra nas lavouras. Desse período do ano até o mês de março, as pessoas limpam as roças de mandioca, de arroz e de milho e preparam as terras para plantar feijão. De março a abril, há uma redução do trabalho na lavoura. E, no início do outono, de abril a maio, nas primeiras semanas de junho denotam-se as colheitas de milho, de feijão, de mandioca, de amendoim e outras.

A partir do mês de junho iniciam-se as festas juninas – Santo Antonio e São João. Nessas os festeiros agradecem as boas colheitas durante o ano e fazem novos pedidos para iniciar o novo ciclo produtivo da lavoura e da família. Nos dias intermediários dessas festas, os pequenos produtores com maiores experiências, geralmente, fazem a previsão do tempo através da observação do mormaço do sol, (ver no quadro 02).

**Quadro 02 - Previsão do Tempo através do Mormaço do Sol pelas Populações Tradicionais da microrregião da Chapada dos Veadeiros, 2003 – 2004**

Dias do Mês	Mormaço				Previsão		
	Manha		Tarde		Mês de (chuva-seco)		Semanas
15 de junho	■		□	□	Chuva	Outubro	☀
16 de junho	□	□	■		Chuva	Novembro	☀
17 de junho	■		■		Chuva	Dezembro	☀
18 de junho	□	□	□	□	Seco	Janeiro	☀
19 de junho	□	□	□	□	Seco	Fevereiro	☀
20 de junho	□	□	■		Chuva	Março	☀
21 de junho	■		□	□	Chuva	Abril	☀

Fonte: Livro – História do Povo Kalunga e entrevista com moradores do Distrito de Vila Borba do Município de Colinas do Sul do dia 09 a 16 de Fevereiro de 2004.

**Legenda**

- Período do dia com mormaço
- Período do dia sem mormaço
- Semanas do mês com previsão de chuva
- ☀ Semanas do mês com previsão de sol

Essas alterações no clima ocasionam perdas de plantio e de alimentos na lavoura e, conseqüentemente, impulsionam a instabilidade do ciclo produtivo tradicional e a falência da renda familiar. tância no delineamento do ciclo s crenças e previsões – escolha de lua e a chuva de São José – que auxiliam na escolha do calendário agrícola das populações locais. No entanto, cabe ressaltar que alguns pequenos agricultores (mais idosos) afirmam “as coisas vem mudando”, isto é, o início das chuvas e da estiagem no cerrado “já termina em outros dias do ano “(sic). Essas alterações no clima ocasionam perdas de plantio e de alimentos na lavoura e, conseqüentemente, impulsionam a instabilidade do ciclo produtivo tradicional e a falência da renda familiar.

Na produção tradicional o ciclo das plantações é de suma importância para assegurar a prosperidade social, econômica e cultural das famílias. Diante dessa necessidade, geralmente há a interligação das crenças com as previsões de tempo para assegurar uma melhor produtividade na lavoura (roçado). A esse respeito, Santos, em análise da dimensão cultural das paisagens rurais do



cerrado mineiro, nos afirma: “as estratégicas de combinação do ciclo do trabalho com o ciclo da natureza e com o ciclo festivo é um fator significativo na manutenção da reprodução familiar”, (2003, p. 147).

Contudo, pode-se advogar que as festas populares na microrregião em estudo passam por metamorfoses em suas funções e no contingente de pessoas. Essas transformações estão consubstanciadas no aumento do número de participantes e no impulso ao desenvolvimento do turismo na região. Esses dois agentes aliam-se, também, com a propagação das atividades comerciais, vendas de bebidas e montagem de barracas nas cidades e nos povoados e distritos promotores das festas. Além disso ocorrem as mudanças dos hábitos, dos costumes e das tradições manifestadas pelas pessoas durante as festividades da microrregião da Chapada dos Veadeiros.

Até então, os mais expressivos fluxos de turistas à procura das atividades festivas dessa microrregião, são os antigos moradores. Esses em sua maioria migraram para os centros urbanos – Niquelândia, Brasília e Goiânia – e, no período das festas retornam para o *locus* de encontro. Porém, nos últimos anos as festas religiosas populares e, especialmente, o Batuque adquirem o ápice de divulgação de parte dos costumes, dos valores e da tradição expressos nas músicas e nas festividades das populações tradicionais.

Nesta concepção Macêdo (2002) ao analisar a Festa Nacional da Melancia em Goiás, explica a constituição do universo de significados a partir da introdução de uma nova atividade econômica “produção de melancia” na incorporação de valor simbólico no enaltecimento do(s) sentimento(s) e do uso do “espaço vivido”. As atividades turísticas imbricadas com as manifestações populares parecem (re)criar, (re)vigorar e (re)estabelecer saberes e estratégias capazes de projetar os valores simbólicos e os materiais locais na esfera regional e/ou global.

Entretanto, sabe-se que as práticas turísticas implementadas de forma verticalizada acarretam a perda dos momentos de sociabilidade das crenças, dos valores da cultura compartilhados nas festas populares.

### ***Ainda não Concluído ...***

As festas populares (religiosas) da microrregião da Chapada dos Veadeiros são eventualidades que promovem a sociabilidade entre as pessoas. Em função disso, as festas possuem o papel importante de promoverem o encontro e, conseqüentemente, a ebulição social, econômica, cultural e espacial da vida cotidiana. A esse respeito, Júnior (1999, p. 41) salienta que “os cultos sagrados impõe um ritmo à vida cotidiana e aos tempos festivos, obedecendo à um calendário comandado pelos santos, seguindo de perto as estações e as festas agrícolas.”



As combinações do calendário agrícolas com os momentos festivos e religiosos promovem a intensificação da mobilidade das pessoas, das trocas comerciais, dos (re)encontros familiares, da constituição de laços amorosos e afetivos entre as pessoas no espaço e no tempo das festas. Nota-se que essas ocorrem em período de baixa utilização da mão-de-obra na lavoura e na estação seca.

Max. Sorre (1984, p.101) ao discutir a evolução dos gêneros de vida delinea que as estratégias estabelecidas a partir “dos rituais, procissões e preces pelos quais o camponês católicos chamam a chuva” tem correspondência com o universo religioso, espiritual e social dos elementos do modo de vida de um grupo de pessoas no espaço geográfico.

As crenças e devoções prefiguram-se em elementos e estratégicos para assegurar o nível social, cultural e econômico da produção tradicional familiar e do modo de vida das populações tradicionais da microrregião da Chapada dos Veadeiros.

## Referência

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo.: Hucitec, 1993.

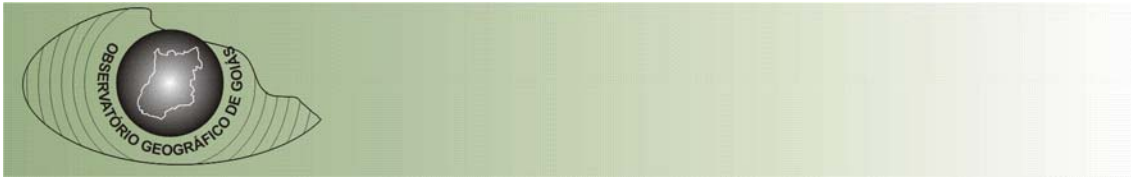
Guia Turístico, histórico e cultural do Estado de Goiás, 2003.

JÚNIOR, O. P. L. Festa e Reliosidade. **Revista Vivência**. R.CHLA/UFRN, NATAL, v. 13, p.39-54.

MACEDO, M.P. de. A festa nacional da melancia em Goiás: uma face da manifestação regional. **Boletim Goiano de Geografia**. 22 (2): 47-72. Jul./dez. 2002

MAIA, C. E. S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares. Proposições sobre Festas Brasileiras. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Orgs.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ: 1999.

\_\_\_\_\_. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: ed. UERJ: 2001. p.177-199.



MAIA, D.S. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, G. de. RATTI, A. J.P. (Orgs.) **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p.159- 184.

MAX, Sorre. **A Noção de Gênero de Vida e sua Evolução**. (Org.) MEGALE, J. F., Geografia. São Paulo: ed. Ática, 1984.

SANTOS, R. J. A dimensão cultural das paisagens rurais do cerrado mineiro. In: ALMEIDA, G. de. RATTI, A. J.P. (Orgs.) **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 133-158.